



A fase estudantil de Antônio Pacífico Pereira: uma breve análise sobre o processo de formação de médicos pela Faculdade de Medicina da Bahia (1862-1867)

Anderson Gonçalves Malaquias¹
malaquiascefet@gmail.com
CEFET-RJ

Maria Renilda Nery Barreto
renildabarreto@hotmail.com
CEFET-RJ

As iniciativas de institucionalização da ciência na América Latina, durante muito tempo, foram retratadas pela historiografia clássica através de descrições isoladas, de grandes cronologias e narrativas comemorativas, sem levar em consideração as especificidades dos processos de formação da prática científica. Os trabalhos que investigaram a história do desenvolvimento científico em países latino-americanos vêm recentemente abandonando essa abordagem tradicional, a qual enfatiza uma visão triunfante da ciência e de cientistas e descrevem o “avanço” das instituições de forma linear. Estes trabalhos passaram a priorizar uma perspectiva baseada na história social da ciência, que compreende o fazer ciência como articuladas as condições culturais, econômicas, políticas e sociais do meio no qual os cientistas vivem e atuam. Dito isto, afirmamos que a análise aqui apresentada se alinha a essa abordagem ao trazer a cena historiográfica a formação de Antônio Pacífico Pereira e, através dela, problematizar a ciência compreendida e elaborada na Faculdade de Medicina da Bahia, bem como as conexões políticas e intelectuais da comunidade acadêmica.

O objetivo do artigo é apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa² que analisa o posicionamento dos espaços institucionais de formação, pesquisa e divulgação médico-científica na Bahia, como a Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), o Hospital da Santa Casa da Misericórdia (HSCM) e a Gazeta Médica da Bahia (GMB), em relação as doutrinas médicas e ao ensino, através da trajetória profissional de Antonio Pacífico Pereira. A carreira deste personagem foi marcada pela atuação em áreas como a docência médica, a

¹ Doutorando no programa Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ).

² Este artigo é produto preliminar da pesquisa de doutorado que se iniciou em 2015 junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET-RJ.



pesquisa científica, a imprensa médica especializada e a direção de importantes conselhos sanitários locais. Destacou-se ainda dentro do movimento que ficou conhecido como Escola Tropicalista Baiana³, sendo responsável pela direção, por mais de meio século, do periódico *Gazeta médica da Bahia*, símbolo máximo da agenda tropicalista e expressão de sua concepção de medicina.

Foi na fase estudantil que Pacífico Pereira se aproximou dos tropicalistas, período em que a medicina experimental despontou como uma nova representação para o saber médico influenciando neófitos e mestres em suas concepções sobre a arte de curar. No escopo desse artigo nos interessa centrar a atenção justamente neste período, para verificar o posicionamento doutrinário da FAMEB em relação ao ensino e as visões de ciência que moldaram a base da concepção de medicina de Pacífico Pereira.

A formação de médicos em Salvador

A interiorização da metrópole portuguesa em terras brasileiras, em 1808, desencadeou um movimento de reformas estruturais que levaram a inauguração de diversas entidades estatais com vistas à formação de um novo império lusitano nos trópicos. No âmbito da educação superior, o ensino da medicina foi oficializado com a criação das escolas cirúrgicas de Salvador e do Rio de Janeiro, o que proporcionou o nascimento de uma classe nacional de médicos e cirurgiões.

A Escola de Cirurgia da Bahia começou suas atividades nos aposentos do Hospital Militar, antiga sede do Colégio dos Jesuítas, situado no Terreiro de Jesus. As lições teóricas eram ministradas em uma sala reservada deste nosocômio, já as demonstrações e atividades práticas, aconteciam duas vezes por semana em uma das enfermarias.

Como primeira instituição de ensino superior no país, a Escola de Cirurgia da Bahia contribuiu com o movimento emancipador da nação e com a composição de um quadro de médicos nacionais aptos para atuar no serviço público do império. Esta era a visão de Malaquias Alvares dos Santos, autor da primeira memória histórica sobre a Faculdade de Medicina da

³ O Termo Escola Tropicalista Baiana foi cunhado por Antonio Caldas Coni, em 1952. Os membros deste grupo apresentavam-se de forma independente à medicina acadêmica. Compuseram uma rede informal de profissionais da medicina e desenvolveram trabalhos originais no campo da parasitologia e das doenças inerentes ao clima tropical.

Bahia. Em sua crônica relativa ao ano de 1854, Malaquias Alvares dos Santos declarou que a Escola de Cirurgia “*concorria com a libertação da indústria para dar aos brasileiros o conhecimento de sua soberania e para dar a nação o reconhecimento de sua nacionalidade*” (SANTOS *apud* ARAGÃO, 1923: p.21).

Em 1815, a Escola de Cirurgia da Bahia foi remodelada passando a se chamar Academia Médico-Cirúrgica. Em 1832, sofreu outra transformação que a elevou ao status de Faculdade de Medicina (BARRETO, 2007: p.80; ROCHA et al, 2004: p. 104). Estas mudanças foram provocadas pelas reformas do ensino médico que ocorreram segundo modelos praticados na Europa.

A FAMEB esteve envolvida em diversas questões de ordem político-social em sua província, portando-se como centro da vida científica e intelectual da Bahia durante o século XIX. Operou, por exemplo, como órgão consultivo do governo para resolução de problemas relacionados com assuntos médicos ou de saúde pública; em questões políticas mediante representação de seus professores em cargos do poder legislativo; e contribuiu com a literatura e jornalismo da Bahia através da colaboração de seus docentes e estudantes na edição de periódicos literários locais (RIBEIRO, 2014: p.22-23). Sua influência nas diversas esferas da sociedade baiana atraiu simpatizantes aos cursos de medicina, muitos dos quais, segundo Peard (1999: p. 19), buscavam uma oportunidade de mudar sua condição social através da formação médica. De acordo com a autora, o ensino médico, na Bahia, foi por muitas vezes valorizado não pela formação científica que poderia conferir a pessoa, mas como um meio de projeção social e autopromoção. Este contexto, sublinhou Peard, com raras exceções, levou a uma aceitação passiva e acrítica da educação médica como um mero treinamento geral ou filosófico e não como uma profissão funcional e prática.

A hipótese de Julian Peard (1999) foi amparada nos escritos biográficos produzidos por Ordival Cassiano Gomes sobre Manoel Victorino Pereira (1853-1902), irmão de Antônio Pacífico Pereira. Nesta pesquisa, o historiador concluiu que: “*a medicina, pelo menos em Salvador, foi a profissão de pessoas pobres; dos filhos de comerciantes com capital discreto; ou até dos filhos de funcionários de classe média, neste lugar está a grande função social da escola*” (PEARL, 1999, p.19). Segundo a autora, personagens importantes que passaram pela FAMEB corroboram esta tese, a saber: Antônio Pacífico Pereira e seu irmão Victorino Pereira,

médicos que se destacaram em suas atuações perante a elite baiana e na política nacional; José Francisco da Silva Lima; Manoel Joaquim Saraiva, todos filhos de imigrantes portugueses de modesto poder aquisitivo.

Após concluírem seus cursos pela FAMEB os jovens médicos dedicavam-se principalmente à prática clínica buscando usufruir do prestígio da profissão para estabelecer sua rede de clientes. Outros, porém, em um ambiente ainda de consolidação da medicina como ciência, conseguiram conquistar mais que prestígio, alcançando uma posição social diferenciada dentro da elite médica baiana, como aconteceu, por exemplo, com Antônio Pacífico Pereira.

Pacífico Pereira nasceu na cidade de Salvador, em 5 de junho de 1846. Era filho de Carolina Maria Franco Pereira e de Vitorino José Pereira, português que chegou à Bahia na década de 1830 e se estabeleceu como marceneiro e comerciante de móveis. Teve quatro irmãos: coronel Victorino José Pereira que foi deputado estadual da Bahia, Manuel Victorino Pereira (1853-1902), monsenhor Basílio Pereira (1850-1930), figura importante no clero baiano e Francisco Bráulio Pereira (1858-1917). Dois deles seguiram seus passos como docente da Faculdade de Medicina da Bahia: Francisco Bráulio Pereira, catedrático da 2^a cadeira de clínica médica (1895) e Manuel Victorino Pereira, lente de clínica cirúrgica (1883). Este último, enveredou-se ainda na carreira política alcançando a presidência da República, entre novembro de 1896 e março de 1897, em decorrência do afastamento do presidente titular Prudente de Moraes.

Em março de 1862, Pacífico Pereira ingressou no ensino superior pela FAMEB, oito anos depois da reforma que trouxe novos estatutos para as Faculdades de Medicina de Salvador e do Rio de Janeiro. Esta reforma, idealizada pelo Barão Bom Retiro, foi implementada pelo decreto de 28 de abril de 1854 e promoveu, em linhas gerais, um conjunto de mudanças administrativas para as faculdades como: a consolidação do poder do diretor diante do corpo docente; a ampliação do quadro de professores, a partir da criação da classe de opositores; a manutenção dos cursos de farmácia, medicina e obstetrícia; elevação do número de cadeiras para dezoito com a criação das disciplinas de anatomia geral e patológica, patologia geral, química orgânica e farmácia (FERREIRA, et al., 2001: p.68).



O curso médico da FAMEB, durante a fase de estudos de Pacífico Pereira, tinha duração de seis anos e apresentava a seguinte organização curricular, de acordo com reforma de 1854:

- 1º ano – física em geral e particularmente em suas aplicações à medicina, química e mineralogia, anatomia descritiva (demonstrações anatômicas);
- 2º ano – botânica e zoologia, química orgânica, fisiologia, repetição da anatomia descritiva, sendo os alunos obrigados às dissecções anatômicas;
- 3º ano – continuação de fisiologia, anatomia geral e patológica, patologia geral, clínica externa;
- 4º ano – patologia externa, patologia interna, partos e moléstia de mulheres peçadas e de recém-nascidos, clínica externa;
- 5º ano – continuação e patologia interna, anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos, matéria médica e terapêutica, clínica interna;
- 6º ano – higiene e história da medicina, medicina legal, farmácia (com frequência da oficina farmacêutica duas vezes por semana, com alunos deste curso), clínica interna.

A FAMEB seguiu sua trajetória acadêmica contribuindo para elevar o quantitativo de médicos em Salvador. Segundo o Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial da Bahia, entre os anos de 1860 e 1863, a província dispunha de 130 médicos e cirurgiões, aproximadamente. É certo que nem todos foram egressos da Faculdade de Salvador. Este quadro também era composto por outros médicos diplomados pela Faculdade da Corte e, ainda, por estrangeiros que migravam para o Brasil e recebiam habilitação para clinicar mediante aprovação em exame de suficiência e verificação de diploma pela FAMEB, como no caso dos Drs. Otto Edward Henry Wucherer e John Ligertwood Paterson.

A época em que Pacífico Pereira ocupou os bancos escolares foi marcada pelo aumento da procura pelo curso de medicina em Salvador. A maioria dos estudantes eram oriundos da Bahia, mas a Faculdade também recebeu discentes de diversas regiões do Brasil. Os dados apresentados pelos memorialistas em suas estatísticas sobre o ensino médico, publicadas entre os anos de 1862 e 1867, revelaram a quantidade e origem dos alunos matriculados na FAMEB, conforme quadro a seguir:

Tabela 1: quantidade e origem dos alunos matriculados na FAMEB entre os anos de 1862 e 1867

	1862	1863	1864	1865	1866	1867
ALAGOAS	3	3	1	1	1	3
BAHIA	90	101	112	130	122	132
CEARÁ	3	2	3	2	1	2
ESPÍRITO SANTO	---	---	---	---	---	1
MARANHÃO	6	7	5	3	7	7
MINAS GERAIS	---	1	1	1	1	3
PARÁ	1	1	1	2	2	2
PARAÍBA	1	2	2	3	2	1
PERNAMBUCO	---	2	2	3	6	8
PIAUI	1	---	---	---	---	---
RIO DE JANEIRO	---	2	1	1	2	---
RIO GRANDE DO NORTE	---	---	---	---	---	1
SÃO PAULO	1	1	---	---	---	---
SERGIPE	2	3	5	5	10	10
TOTAL DE MATRICULADOS	108	125	133	151	154	170

Fontes: memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia concernente aos anos de 1862 a 1867.

Apesar de um decréscimo, em 1866⁴, os dados da tabela mostram uma elevação gradativa e a predominância de estudantes baianos matriculados no curso médico. A elevação do número de interessados na carreira possivelmente decorreu do prestígio que a profissão vinha adquirindo perante a sociedade ao longo do tempo. A importância social do médico ascendia, paulatinamente, diante do movimento de institucionalização da medicina que se seguia. Neste contexto, jornais e periódicos científicos independentes surgiram, a partir da década de 1860, como fator relevante de contribuição para este processo, passando a funcionar

⁴ O decréscimo no número de matriculados neste ano justifica-se, provavelmente, em decorrência da participação de diversos professores e alunos da FAMEB na guerra do Paraguai, convocados para suprir as necessidades do Corpo de Saúde do Exército e da Armada nas lutas travadas na região da foz do Rio Prata (FÉLIX JUNIOR, 2009: p. 302).

como um espaço privilegiado onde ocorriam deliberações acerca de temas específicos como práticas clínicas, cirurgias, experiências e novidades científicas.

A FAMEB era detentora de grande prestígio em Salvador. A despeito disso, apresentava problemas consideráveis. Segundo o historiador Antônio de Almeida Junior, que realizou um balanço geral do ensino superior brasileiro até o ano de 1879, um conjunto de questões administrativas atrapalhou o processo de ensino e aprendizagem da instituição, tais como: professores que se esquivavam de ministrar suas aulas; a baixa assiduidade de alunos que contrastava com as insignificantes estatísticas das perdas de ano por faltas; o despreparo dos ingressantes dos cursos médicos que conquistavam suas vagas pelo filhotismo, patronato ou pela indulgência de seus examinadores, etc. (ALMEIDA JUNIOR, 1951: p. 12;28).

Este foi o cenário de iniciação de Pacífico Pereira nos estudos médicos pela Faculdade de Medicina da Bahia, um período de expectativa para alguns acadêmicos em vivenciar os melhoramentos estruturais prometidos pelos estatutos vigentes; um período em que o saber médico deparou-se com o surgimento de uma nova representação para seus fundamentos através da noção da medicina experimental (EDLER, 2014: p.61); um período de perplexidade e angústia para outra parcela do corpo docente que desejava ver a FAMEB assumir projeção e notoriedade científica em semelhança às faculdades europeias.

O século XIX abarcou diversas teorias médicas que coexistiram de forma nem sempre harmônica. As grandes epidemias alimentavam debates médicos em renomados centros de ensino ou mesmo na imprensa especializada ou cotidiana, onde a doutrina mais eficaz, a diretriz mais eficiente, a terapêutica mais adequada, tornavam-se o cerne das discussões que moviam homens de ciência, intelectuais e políticos gestores em suas celeumas.

Já durante a fase de formação acadêmica de Antônio Pacífico Pereira, o surgimento de uma nova representação para o saber médico, expressada pela noção de medicina experimental, demarcaria seu período estudantil, e posteriormente, sua carreira como docente e homem da imprensa. Este paradigma se amparou de forma sistemática nos estudos bem-sucedidos das ciências físico-químicas e da fisiologia/biologia para redirecionar os procedimentos investigatórios e estimular inovadores programas de pesquisa com vistas a fortalecer e incorporar novidades metodológicas e doutrinárias à instrução médica.



16^o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia

UFCG / UEPB, CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
15 a 18. Outubro, 2018

Pacífico Pereira cursava o quinto ano do curso médico quando Claude Bernard (1813-1878), propôs em seu livro, *Introdução ao estudo da medicina experimental*, publicado em 1865, uma diferenciada metodologia de investigação para medicina baseado na experimentação. Sendo um dos principais incentivadores desta nova temática, Bernard apresentou a medicina experimental como uma resultante da associação entre a fisiologia (considerada por ele pilar da disciplina), a patologia e a terapêutica. Diferindo-se de uma medicina pautada na observação e, portanto, passiva e de natureza hipocrática, a medicina experimental concebida por Bernard rogava para si a propriedade da dominação científica dos processos vitais que envolviam a natureza viva sendo responsável por estabelecer uma ruptura com os sistemas médicos até então praticados.

Pelas proposições de Claude Bernard o único curso cabível e capaz de elevar a medicina ao status de ciência seria aquele que substituísse o empirismo pelo uso sistemático da experimentação, onde as leis e os processos envolvidos nos fenômenos biológicos poderiam ser desvendados e submetidos à vontade humana (CARRETA, 2006: p.24).

Como centro de formação profissional, a FAMEB não se esquivou dos debates que caracterizaram a construção do saber médico. Apesar de uma parcela da historiografia datada frequentemente classificá-la como uma instituição regida por sistemas metafísicos e mera consumidora de doutrinas científicas estrangeiras⁵, já existia entre seu corpo docente a consciência e preocupação de adequar os conhecimentos apreendidos dos centros europeus à realidade local:

Desta sorte o entendeu a França, esse luzeiro das ciências, que nos deve servir de farol, para a exemplo dela aproveitarmos-nos das lições do passado e fortes com a experiência dos anos, podemos tentar o progresso, se não acompanhá-la. Não pensamos, todavia, como muitos inovadores, que se deva aceitar e transplantar, sem restrições para o nosso país, tudo que existe nos outros: - imitarmos enfim, sem atender que cada povo tem suas leis, sua índole, seus hábitos, e que só o continuado andar dos tempos permitirá aceitar ou modificar tais ou tais ideias – segundo os elementos que se dispõe (FREITAS, 1863: p.12-13).

⁵ Esta visão é compartilhada por Antônio Caldas Coni (1952), Marcos Augusto P. Ribeiro (2014), por exemplo.

Não eram poucos os docentes que durante suas aulas traziam conteúdos adicionais aos seus alunos, instruindo-os quanto aos mais recentes e relevantes estudos sobre o contexto médico.

Eis em resumo a ordem seguida no meu curso; que é modificado, alterado mesmo, ou invertido segundo as observações, e experiências das diferentes escolas europeias – alemã e francesa – procurando o mais possível pôr-me a par, ou ao menos o mais aproximado aos melhoramentos, que por ventura for adquirindo este ramo de ensino (SODRÉ PEREIRA, 1866: p. 9).

Dando conta do que V.S. de mim exige quanto a cadeira de patologia externa, cabe-me declarar que, conquanto por circunstâncias independentes de minha vontade não tenha podido concluir o trabalho já algum tanto adiantado de uma nova edição do meu opúsculo de patologia externa, refundido e ampliado, contudo na explanação das doutrinas, conforme o programa aprovado pela Faculdade, não deixo de expor aos alunos o que há de novíssimo na ciência (MOURA, 1874: p.17).

As viagens para aprimoramento na Europa eram um caminho bastante utilizado pelos médicos brasileiros para ampliarem seus conhecimentos. Vários professores que lecionaram durante a fase de estudos de Pacífico Pereira fizeram uso deste expediente. A reforma de 1854 já previa o envio de um docente, a cada três anos, mediante eleição feita pela Congregação da Faculdade, para operar investigações científicas “*ou para estudar nos países estrangeiros os melhores métodos de ensino, e examinar os estabelecimentos e instituições médicas das nações mais adiantadas a este respeito*”⁶.

Segundo Edler (2014: p.75), desde o ano de 1850, o continente europeu havia se tornado o local de especialização quase que obrigatório para os médicos recém-formados no Brasil. Diversos docentes da FAMEB, como por exemplo, Antonio Januário de Faria e Antônio José Alves, homens próximos à Pacífico Pereira (devido aos encontros fortuitos que precederam a formação da Escola Tropicalista), visitaram o velho continente em algumas expedições de pesquisas e estudo. Além das viagens, a apropriação de conhecimento acontecia igualmente pela leitura de manuais, livros, edições de importantes periódicos que chegavam ao Brasil nas bagagens de médicos iniciantes ou doutores estrangeiros que imigravam para o país para

⁶ Ver: coleção das leis do Império do Brasil de 1854. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio>.

exercício da profissão. Como consequência, a FAMEB passou a exibir em seus quadros jovens médicos que se distanciavam da geração de professores formados nas décadas iniciais do século XIX, sendo, portanto, mais receptivos e críticos às doutrinas estrangeiras e, por vezes, exibindo posições epistemológicas diferentes de seus coetâneos⁷ (BARRETO, 2005: p.65).

Alguns pesquisadores que se debruçaram sobre a história da FAMEB acabaram em seus estudos por rotulá-la como uma instituição que oferecia um ensino puramente especulativo, atrasado, metafísico e sem oferta de ensino prático (BRITO, 2006: p.73). A cautela é, contudo, necessária antes de se referendar estas afirmações.

Realizamos uma análise das memórias históricas⁸ produzidas durante a fase de estudante de Pacífico Pereira, ou seja, entre os anos de 1862 e 1867, para cotejarmos informações relevantes sobre o desenvolvimento das disciplinas ministradas pela FAMEB. Verificamos que, em quase todos os relatos dos professores sobre suas aulas, existiram a referência ao ensino prático como complemento às lições teóricas⁹.

Nem todas as disciplinas presentes na grade curricular do curso de medicina tiveram suas crônicas divulgadas em memórias históricas devido ao atraso no envio do relatório de atividades por parte de seus professores titulares. Em alguns casos, os docentes eram econômicos nas resenhas ou simplesmente ignoravam o pedido de prestação de contas. A despeito disso, foi possível depreender, que no período analisado, existiu a preocupação por parte dos titulares da maioria das cadeiras médicas em oferecer o ensino prático aos seus discípulos.

As memórias estudadas revelaram que o ensino prático e especializado foi, de fato, um componente presente nos programas das diferentes disciplinas que compunham a base curricular da FAMEB. Contudo, ele não se estabeleceu de forma plena em todas as cadeiras

⁷ Citamos como exemplo o conflito de ideias exibido entre os professores da FAMEB José de Goes Sequeira e Antônio Januário de Faria no tocante a relação entre metafísica e medicina. Goes Sequeira acreditava que a doença poderia ser explicada mediante aliança entre medicina e metafísica, sendo esta última aquela capaz penetrar no âmbito das sensações, das ideias, ou outros fenômenos morais que se apossava do homem. Em contraste, Januário de Faria defendia uma estrita separação entre medicina e metafísica afirmando que os eventos relacionados ao pensamento tinham origem orgânica, e por isso, os atos decorrentes da inteligência eram explicados pela fisiologia (BARRETO, 2005: p.54-55).

⁸ As memórias históricas surgiram pelo decreto que instaurou a reforma do ensino médico em 28 de abril de 1854. A normativa determinou que, a cada ano, a Congregação de Lentes das Faculdades de Medicina do Brasil devia incumbir a um de seus docentes a responsabilidade de construir crônicas sobre os principais eventos ocorridos nas instituições.

⁹ Para maiores informações, consultar as memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia produzidas entre os anos de 1862 e 1867.

ofertadas, sendo, em várias ocasiões, executado insatisfatoriamente. Nos casos em que o ensino prático foi ausente, a vertente teórica e livresca porventura adotada para a condução da disciplina não significou, necessariamente, a oferta de conteúdos ultrapassados (ELDER, 2014: p.103).

As dificuldades enfrentadas pela FAMEB no tocante ao ensino prático estavam ligadas a questões estruturais, como: instalações precárias, poucos recursos, déficit de funcionários e equipamentos. De acordo com o autor da memória de 1869, Salustiano Ferreira Souto, o baixo investimento por parte do governo impactava diretamente na qualidade das aulas práticas, que careciam de verbas para manutenção e compra de equipamentos e de professores mais valorizados em suas remunerações (RIBEIRO, 2014: p.59). Contudo, não se deve confundir o ensino prático que se estabeleceu como atividade intrínseca de algumas disciplinas médicas com aquele outro, de caráter complementar e pautado pelo experimentalismo. Este último, começou a ser preconizado por professores reformistas convertidos ao ideal da emergente medicina experimental somente a partir da década de 1870.

O treinamento dos estudantes de medicina era realizado no Hospital da Santa Casa da Misericórdia (HSCM). Este nosocômio teve ligações significativas com a trajetória profissional de Antônio Pacífico Pereira, que atuou como seu cirurgião adjunto, em 1876; como Consultar da Mesa, em 1892; e também como mordomo durante cinco anos, entre os intervalos de 1892 e 1895 e de 1913 a 1914.¹⁰ As atividades e aulas desenvolvidas nas enfermarias do HSCM encaminharam Pacífico Pereira nas trilhas do experimentalismo, demarcando seu perfil profissional e construindo sua visão da ciência.

O cotidiano das lições práticas desenvolvidas no HSCM possibilitou que aprendizes, como Pacífico Pereira, construíssem redes de sociabilidade¹¹ com professores e outros médicos que prestavam serviços à Santa Casa. Estas interações aproximaram alguns estudantes com outras agendas de estudos, diferentes daquelas programadas pelo currículo da FAMEB.

Os integrantes do movimento tropicalista fizeram do HSCM o esteio para o desenvolvimento de sua prática clínica e aplicação dos conhecimentos baseados na medicina

¹⁰ Conferir em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/perantpac.htm>.

¹¹ Para Sirinelli (2003), as redes de sociabilidade constituíam uma ferramenta explicativa para compreender os arranjos e a dinâmica do campo intelectual com suas amizades e inimizades, vínculos e tomadas de posição, ou seja, “microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (SIRINELLI, 2003, p. 252).

experimental. O grupo foi fundado pelos médicos Otto Edward Henry Wucherer¹², José Francisco da Silva Lima¹³, John Ligertwood Paterson¹⁴, Ludgero Rodrigues Ferreira (1819-1866)¹⁵, Antônio José Alves (1818-1866)¹⁶, Antônio Januário de Farias (1822-1883)¹⁷ e Manoel Maria Pires Caldas (1816-1901)¹⁸. Uma das peculiaridades apresentadas pela Escola Tropicalista Baiana foi sua independência e distanciamento do aparelhamento estatal. Contudo, desde os primórdios de suas atividades, existiu um estreitamento das relações com a FAMEB. Dois dos componentes do núcleo inicial eram professores da escola médica na ocasião da fundação do movimento: Antônio Januário de Faria e Antônio José Alves.

Alguns membros da “Escola Tropicalista”, mesmo sem possuírem ligação formal com a FAMEB, interagem com a instituição colaborando com orientações de seus estudantes e iniciando-os em exercícios práticos de medicina:

Além destes estudos de clínica cirúrgica, o Dr. Paterson algumas vezes se ocupava com outros de anatomia descritiva, regional e patológica, e com exercícios operatórios no cadáver, na casa das autópsias da Misericórdia, e, companhia de outros colegas, e de alunos da Faculdade de Medicina, alguns dos quais são hoje práticos de merecimento e professores distintos (SILVA LIMA, 1887: p.391).

Em 3 de novembro liguei a artéria, ajudado pelos meus colegas os Srs. Drs. Caldas, Wucherer, Silva Lima e os alunos de medicina A. Pacífico Pereira e Gentil Pedreira; O doente pediu que a operação fosse praticada sem o

¹² Otto Edward Henry Wücherer nasceu em Portugal e era filho de pai alemão e mãe holandesa. Viveu um período de sua infância em Salvador, para onde retornara em 1843, já graduado em medicina pela Universidade de Tübingen, Alemanha (PEREIRA, 1873, p.306-307).

¹³ José Francisco da Silva Lima chegou ao Brasil em 1840 ainda na adolescência. De origem portuguesa, estudou medicina na FAMEB onde conseguiu o grau de doutor no ano de 1851 com a tese “Dissertação filosófica e crítica acerca da força medicatriz da natureza” (JACOBINA et al., 2008: p.87).

¹⁴ John Ligertwood Paterson era escocês formado em medicina pela Universidade de Aberdeen, no ano de 1841. Firmou residência na cidade de Salvador no ano seguinte. Estabeleceu, juntamente com Wücherer, o diagnóstico e o caráter contagioso das epidemias de febre amarela, em 1849, e de cólera morbo, que ocorreram no país em 1855 (JACOBINA et al, 2008: p.87).

¹⁵ Formou-se médico pela FAMEB no ano de 1847. Como clínico, prestou assistência à população baiana, porém veio a falecer sem antes chegar a tomar parte nas sessões que o referido grupo de facultativos realizava (SANTOS, 2012: p.74).

¹⁶ Doutorado pela Faculdade de Medicina da Bahia no em 1841, Antônio José Alves alcançou, em 1855, a cátedra de Clínica Cirúrgica desta instituição e trabalhou promovendo assistência médica à população durante a epidemia de cólera-morbus que ocorreu no ano de 1855 (SANTOS, 2008: p.74).

¹⁷ Aluno Egresso da FAMEB, tornou-se Lente de Fisiologia e professor de Clínica Médica pela instituição, no ano de 1845 e, posteriormente, entre os períodos de 1874 e 1881, o cargo de direção.

¹⁸ Baiano de vida simples e hábil cirurgião, recebeu o diploma de médico no ano de 1840. No Hospital da Santa Casa passou adiante seus conhecimentos médicos e suas experiências no campo da urologia (SANTOS, 2008: p.75).

clorofórmio, e enquanto ela durou, nem por palavras nem por gestos deu indícios da menor impaciência ou irresolução (PATERSON, 1867: p.220-222).

Durante a análise das fontes percebemos que os médicos tropicalistas, externos aos quadros da FAMEB, como Manuel Maria Pires Caldas, José Francisco da Silva Lima, John Paterson e Otto Wucherer foram os principais influenciadores de Pacífico Pereira durante sua vida acadêmica.

Destacavam-se dentre eles dois vultos simpáticos, admiráveis pelo talento, pela distinção e delicadeza de seus atos, e pela correção, lealdade e desinteresse com que exerciam a profissão médica. Foram ambos meus professores de clínica: Antônio José Alves, que representava então, em erudição e perícia, o que tinha de mais elevado a cirurgia baiana; e Antônio Januário de Faria, o professor eloquente e brilhante, clínico proficiente e profissional correto e distinto. Ao lado destes tive a fortuna de encontrar na clínica civil hospitalar outros mestres cujas lições não figuravam no ensino oficial, mas eram um manancial fecundo de ensinamentos, e cuja vida profissional, modesta, nobre, laboriosa e fecunda para a ciência e para a humanidade, eram um quadro vivo de exemplos e virtudes, que passava-me sempre ante os olhos, quando com o passo incerto e mal seguro começava ainda a minha carreira médica (...). Foi assim que conheci Alves, Faria, Paterson, Whucherer, e ainda outro [Silva Lima] que sobrevive a todos estes, e que todos vós conheceis também, sempre distinto, hoje o decano de nossa medicina, modelo para todos os que quiserem dedicar-se ao exercício da profissão (PEREIRA, 1895: p.244-247).

A relação de Pacífico Pereira com estes profissionais se iniciou em 1862, ainda em seu primeiro ano no curso de medicina. José Francisco da Silva Lima, que dirigia um dos serviços de clínica Médica do HSCM, foi, possivelmente, o primeiro tropicalista sem ligação com a FAMEB a quem Pacífico Pereira conheceu¹⁹. Ainda na esfera do HSCM, Pacífico Pereira teve contato com outro médico que dirigiu os serviços de clínica médica, Dr. Pires Caldas, de quem recebeu convite para estender os momentos de estudo de anatomia para além da sala de aula. Pires Caldas disponibilizou suas coleções e peças anatômicas a Pacífico Pereira, oferecendo-se para instruí-lo na disciplina, três vezes por semana, em sua própria casa²⁰.

¹⁹ Em homenagem a José Francisco da Silva Lima, por conta de seu falecimento em fevereiro de 1910, a Gazeta Médica da Bahia veiculou uma edição especial, neste mesmo mês, inteiramente dedicada ao médico que também foi um dos seus principais colaboradores. Compondo esta publicação, encontra-se os escritos de Antônio Pacífico Pereira em relatos da vida e obra do mestre e amigo, trazendo a lume, minúcias da intimidade e relacionamento dos integrantes do grupo inicial de tropicalistas.

²⁰ Cf. Gazeta Médica da Bahia, v.41, nº 8, p.337-353, 1910.



Da parte institucional, os professores Antônio Januário de Faria e Antônio José Alves ligaram inicialmente a FAMEB ao movimento tropicalista. Ambos foram professores de Pacífico Pereira e contribuíram para aprimorar suas aptidões em clínica e cirurgia com foco na medicina experimental.

Considerações Finais

Nestas observações preliminares podemos verificar que: contrariando a historiografia clássica, a Faculdade de Medicina da Bahia não esteve alheia as mudanças que rodearam o ensino médico durante o século XIX; o ensino prático (mesmo deficiente em algumas situações) foi, igualmente, uma vertente pedagógica presente no desenvolvimento das disciplinas do curso médico; através de viagens internacionais e contato com literatura estrangeira contemporânea, os professores da FAMEB mantiveram-se informados frente as principais correntes doutrinárias circulantes na Europa e América do Norte, trazendo aos seus alunos conteúdos atualizados.

Verificamos também que a fase de estudos de Antônio Pacífico Pereira, em especial, aquela concernente ao ciclo prático desenvolvido nas enfermarias do Hospital da Santa Casa da Misericórdia foi essencial para direcionar os caminhos e sua posição epistemológica diante dos pressupostos da medicina experimental. O trânsito de médicos externos ao quadro de professores da Faculdade de Medicina da Bahia dentro do Hospital da Misericórdia, espaços de prático para os estudantes da FAMEB, trouxe influência no tocante ao método, à doutrina e à especialização para alguns destes futuros médicos. Atraído pela dinâmica de trabalho e pelo acolhimento dado aos pressupostos da medicina experimental, Pacífico Pereira aderiu ao tropicalismo, deixando os bancos escolares para se tornar, depois de formado, um dos importantes pilares do movimento tropicalista.

Referências Bibliográficas

ARAGÃO, Gonçalo Moniz de. *A medicina e sua evolução na Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado. 1923.

BASTIANELLI, Luciana (Comp.). *Gazeta Médica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos*, compilação e pesquisa. Salvador: Contexto. 2002.



16^o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia

UFCG / UEPB, CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
15 a 18. Outubro, 2018

BARRETO, Maria Renilda Nery. *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808–1851)*. Tese (Doutor em História das Ciências da Saúde), Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, 2005.

BARRETO, Maria Renilda Nery. “A Bahia e a instituição da medicina acadêmica no século XIX”. In: PRIEGO, Natalia. *Paradigmas, Culturas y Saberes. La Transmision del Conocimiento Cientifico a Latinoamerica*. Madrid: Iberoamericana, 2007, p. 79-103.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero. “Insetos, humanos e doenças: Adolpho Lutz e a medicina tropical. In: BENCHIMOL, J. & SÁ, Magali Romero. *Adolpho Lutz: obra Completa. Febre Amarela, Malária e Protozoologia*, v. 2, n. 1, 2005.

BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. A Faculdade de Medicina da Bahia na época de Nina Rodrigues. In: *Gazeta Médica da Bahia*. v. 76, n.2, p. 63-79. 2006.

CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARRETA, Jorge Augusto. *O micróbio é o inimigo: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904)*. Tese (Doutoramento em política científica e tecnológica), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões imperiais – Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONI, Antônio Caldas. *A escola tropicalista baiana: Paterson, Wucherer, Silva Lima*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1952.

DIAS, Maria Odila da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.

EDLER, Flavio Coelho. *Ensino e profissão médica na Corte de Pedro II*. 1^a. ed. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014. 204p.

FELIX JÚNIOR, Osvaldo Silva. A Medicina da Bahia na Guerra do Paraguai. *História & Perspectivas (UFU)*, v. V1, p. 299-335, 2009.

FERREIRA, Luiz Otávio. “Das doutrinas à experimentação: rumos e metamorfoses da medicina do século XIX”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, nº 10, p. 43-52, 1993.

FERREIRA, Luís Otávio, et al. “A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino”. In: DANTES, Maria Amélia M. *Espaços da Ciência no Brasil*, Rio de Janeiro, ed. Fiocruz, p. 59-80, 2001.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Ciência e educação na Escuela Nacional Preparatoria (México, 1867). *História Unisinos*, São Leopoldo, RS, v.18, n.1, p.56-67, jan./abr. 2014.



16^o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia

UFCG / UEPB, CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
15 a 18. Outubro, 2018

FREITAS, Antonio José de. *Memórias dos Acontecimentos Notáveis da Faculdade de Medicina da Bahia (1863)*. Bahia, 1864.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro, et al. “A Escola Tropicalista e a Faculdade de Medicina da Bahia”. *Gazeta Médica da Bahia*, vol. 78, nº2, p. 86-93, 2008.

MOURA, José Afonso de. *Memórias dos Acontecimentos Notáveis da Faculdade de Medicina da Bahia (1874)*. Bahia, 1875.

PATERSON, John Ligertwood. Caso de elefancia tratado sem proveito pela ligadura da artéria femural. *Gazeta Médica da Bahia*. v. 1, n.19, p. 220-222. 1867.

PEARL, Julyan G. Race, Place, and Medicine: *The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine*. Index, Durham, S.C./London Duke University Press, 1999.

PEREIRA, Antônio Pacífico. Esboço biográfico do Dr. Otto Wucherer. *Gazeta Médica da Bahia*. v. 6, n.140, p. 306-307. 1873.

PEREIRA, Antônio Pacífico. Discurso proferido na colação de grau aos formandos da Faculdade de Medicina da Bahia em 14 de dezembro de 1895. *Gazeta Médica da Bahia*, v.27, n.6, p.244-247. 1895.

RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. *A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus Memorialistas (1854-1924)*. Salvador: EDUFBA, 2014.

RIOS, Venézia Durando Braga. *Entre a vida e a morte: medicina, médicos e medicalização na cidade de Salvador, 1860 – 1880*. 2001. 186f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

ROCHA, Nádia Maria Dourado, et al. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental. *Gazeta Médica da Bahia*, 2004; 74:2, jul.-dez.103-126.

SILVA, André Felipe Candido da. *A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz. 2011, 839f.

SILVA LIMA, José Francisco da. O Dr. Paterson, sua vida e sua morte. *Gazeta Médica da Bahia*, v.18, nº9, p. 385-394. 1887.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ PEREIRA, Jerônimo. *Memórias dos Acontecimentos Notáveis da Faculdade de Medicina da Bahia (1866)*. Bahia, 1867.